

A importância de Lenin nas leituras sobre disputas políticas na atualidade

DOI: <https://doi.org/10.35168/2176-896X.UTP.Tuiuti.2019.Vol6.N59.pp29-44>



Marcio Bernardes de Carvalho

Historiador, mestre em Educação, doutorando em Educação na Universidade Tuiuti do Paraná – UTP

<https://orcid.org/0000-0003-2983-3930>.

E-mail: marciojr8@yahoo.com.br

A importância de Lenin nas leituras sobre disputas políticas na atualidade

Resumo

Este artigo tem por objetivo resgatar a importância das leituras e conceitos defendidos por Lenin nas obras *Que fazer* e *O Estado e a Revolução* para a luta da classe operária mundial conectando estes conceitos às contradições da realidade dos trabalhadores brasileiros, em especial no que se refere à concepção de Estado e de organização dos trabalhadores.

Palavras-chave: Lenin. Estado. Revolução. Conjuntura política. Educação.

L'importance de Lénine dans la lecture du différend politique d'aujourd'hui

Résumé

Cet article vise à retrouver l'importance des lectures et des concepts défendus par Lénine dans les travaux *Que faire et L'État* et la révolution pour la lutte de la classe ouvrière mondiale reliant ces concepts aux contradictions de la réalité des travailleurs brésiliens, en particulier fait référence à la conception de l'Etat et à l'organisation des travailleurs.

Mots-clés: Lénine. État. Révolution. Conjoncture politique. Éducation.

A importância de Lenin nas leituras sobre disputas políticas na atualidade

As pesquisas sobre Educação no campo das políticas públicas necessitam, essencialmente, realizar análises conjunturais¹ para verificar, em cada momento da história, as contradições da realidade e como os fatos econômicos e sociais, nacionais e internacionais, interferem nos rumos da educação no Brasil.

Este artigo apresenta, em um primeiro momento, a importância das formulações produzidas por Lenin em *O Estado e a Revolução* visando apresentar um contraponto à ideia do Estado como instituição absoluta na organização das sociedades humanas, este que por vezes é tido como onisciente ou como ente superior, por vezes antropofornizado quando na verdade está sob controle de um grupo, em disputa permanente. Já a obra *Que fazer?* nos auxilia a compreender a importância da organização dos trabalhadores, e será utilizada pontualmente neste artigo para que a crítica à visão de Estado não se limite ao campo teórico.

É possível encontrar uma diversidade de entendimentos sobre a função social do Estado e seu papel dentro da luta de classes no capitalismo de característica brasileira. Porém, na avaliação de diretrizes educacionais ou legislações, muitas pesquisas não apresentam o contexto de sua aprovação ou formulação, as diferentes opiniões e disputas no seio da sociedade, transformando o Estado – que no nosso entendimento está em disputa permanente (interna e externamente) – em algo único, com pensamento racional organizado e intencionalidade, ou seja, transformando esta instituição criada pelo ser humano em algo abstrato, universal, desviado assim de sua função institucional.

Alguns problemas surgem a partir da adoção desse entendimento. O primeiro deles é que quando o pesquisador não apresenta o contexto das contradições da ação do Estado como instituição e os enfrentamentos que envolvem suas decisões acabam por inviabilizar a compreensão de que o

¹ Conjuntura entendida como como combinação ou concorrência de acontecimentos ou eventos em um dado momento, circunstância, situação.

A importância de Lenin nas leituras sobre disputas políticas na atualidade

mesmo é fruto do pensamento humano, estruturado e gerenciado pelas sociedades humanas e, por concentrar poder regulatório e financeiro, é disputado por uma série de concepções e movimentos que, por vezes, fazem parte dessa estrutura, por vezes não.

O segundo é decorrente do primeiro, pois distancia os indivíduos do conjunto das contradições no âmbito do Estado, ou seja, da organização da vida destes mesmos indivíduos em sociedade. Fruto desse distanciamento podemos considerar um terceiro problema, para algumas correntes teóricas, a invisibilização ou acobertamento da existência de classes sociais com interesses antagônicos.

Um possível quarto problema pode ser encontrado no âmbito das leituras dos escritos de Lenin e a concepção de “disputa” entre os trabalhadores e o Estado como instituição. Para Lenin, em síntese, a luta dos trabalhadores leva a uma sociedade onde o Estado como instituição opressora de uma classe sobre a outra não é mais necessário. A questão que se coloca agora é: o Estado deve ser disputado pelos revolucionários? Ou a luta revolucionária é só pela sua superação? Apresentaremos a seguir os argumentos que fundamentam nossa análise para então discorrer sobre nossa perspectiva, neste momento², sobre tais questões.

Tendo apresentado a inicial justificativa do presente artigo, passamos à análise de Lenin sobre o Estado.

Para o autor russo “[...] o Estado surge, no momento e na medida em que, objetivamente, as contradições de classe *não podem* conciliar-se. E inversamente: a existência do Estado prova que as contradições de classes são inconciliáveis” (LENIN, s/d/e, p. 25, grifo do autor), significando, assim, o Estado a partir de uma necessidade de classe, dentro das contradições sociais reais.

² Entendo que esta é uma questão central para a luta dos trabalhadores e a advertência da temporalidade visa manifestar ao leitor que a dinâmica do movimento da realidade e de suas contradições pode levar, em um outro momento em outras condições, a outro tipo de análise. Também é necessário levar em consideração que este autor possa ao longo dos anos, com outras leituras ou no decorrer dos debates sobre o tema, afirmar esta tese, alterá-la ou superá-la.

A importância de Lenin nas leituras sobre disputas políticas na atualidade

Ao diferenciar o afirmado acima como uma “revisão” do marxismo, Lenin aponta que alguns ideólogos burgueses “corrigem” Marx e afirmam que “o Estado aparece como um órgão de *conciliação* das classes” (ibidem, grifo do autor), distorcendo o conceito no seu eixo central, que são as contradições inconciliáveis.

O antagonismo de interesses se dá centralmente na distinção na existência de grupos opressores e oprimidos. Houve épocas em que a união de indivíduos em comunidades organizadas era necessária para evitar conflitos por disputa de territórios férteis, alimentação ou até mesmo por necessidade de escravização para produção. A manutenção da ordem interna em uma comunidade/agrupamento/cidade tinha o benefício de garantir unidade e força bélica necessária em caso de enfrentamentos externos. O desenvolvimento do comércio marítimo e intercontinental auxiliava na resolução de problemas de abastecimento e troca de tecnologia, mas não resolveu a contradição entre opressores e oprimidos, pelo contrário, potencializou a lógica criando potências militares que sobreviviam³ da exploração de outras nações.

Mesmo estas nações sobrevivendo (parcialmente ou totalmente) da exploração de outras nações, as mesmas possuíam (ou possuem) uma divisão social verticalizada, onde o acúmulo de riquezas se torna também concentração de poder, influência e garantia de privilégios. Ao compararmos a estrutura social destas nações a uma pirâmide sabemos que o conjunto dos trabalhadores está na base desta pirâmide, sendo a classe dominante o cume que concentra as riquezas e por consequência controla os meios de comunicação e instituições, ou seja, os aparelhos ideológicos e de repressão do Estado.

Ao interpretar Marx, Lenin verifica que o escritor alemão define o Estado como “[...] um organismo de *dominação* de classe, um organismo de *opressão* de uma classe por outra” (LENIN,

³ Algumas ainda sobrevivem com esta forma de exploração.

A importância de Lenin nas leituras sobre disputas políticas na atualidade

s/d/e, p. 25, grifo do autor), contrariando a visão pequeno burguesa de que o Estado serve aos interesses de conciliação de classes. É importante frisar que não encontramos em nenhum momento do texto de Lenin julgamento moral ou político de característica maniqueísta⁴ que possa de alguma forma, excluir a possibilidade de realizar enfrentamentos no âmbito do Estado ou mesmo que afirme a existência de uma possibilidade revolucionária de característica “salvacionista” do Estado dentro da luta de classes.

É necessário apresentar esse conceito de “julgamento moral ou político de característica maniqueísta” que podemos encontrar nas generalizações e nos debates rasos sobre as contradições sociais que envolvem o Estado e por vezes as disputas eleitorais. As generalizações acobertam as contradições da sociedade, em especial a luta de classes, usurpando (mais uma vez) dos trabalhadores a possibilidade de “ler” a realidade e todas as suas múltiplas determinações. As sentenças que iniciam afirmando que “o governo” ou o “Estado” tomou tal iniciativa ou decidiu por alguma questão quase sempre resumem as palavras, mas não explicam como deveriam, sobre o fato em si e podem ser consideradas uma névoa densa que não permite ver com profundidade a realidade. Mas nem sempre estas generalizações ou debates rasos são produto da distração ou de uma limitada visão da realidade por parte dos indivíduos. Quando eles “criam” uma tendência de racionalidade coletiva ou são o filtro ideológico de algo que a nosso ver é central para o desenvolvimento societário, devemos entender que aí está uma tentativa de dominação e de opressão de uma classe sobre a outra. É a classe dominante usurpando dos trabalhadores as condições objetivas para que estes possam se apropriar dos conhecimentos historicamente construídos.

No caso brasileiro temos uma educação pública sucateada, por mais que o conjunto dos trabalhadores lute diariamente para resistir e avançar em defesa da escola pública de qualidade e para

⁴ Maniqueísta se refere a uma filosofia religiosa fundada e propagada por Maniqueu, por volta do século III, que dividia o mundo em bem (Deus) e mal (Diabo).

A importância de Lenin nas leituras sobre disputas políticas na atualidade

todos, a classe dominante, que manipula o Estado, sabota, de todas as formas, o desenvolvimento da educação destes trabalhadores e de seus filhos. Adicionemos a isso uma estrutura privada que controla o conjunto dos meios de comunicação do país e está presente em todos os formatos (escrita, televisiva, radiofônica e digital) e teremos uma estrutura de adaptação dos indivíduos ao sistema vigente.

Para submeter ainda mais a classe trabalhadora, a burguesia ainda tenta imputar aos trabalhadores crimes que só ela comete.

Quando se fala de doutrinação nas escolas públicas deve se indagar sobre quais as condições objetivas que um trabalhador da educação tem para realizar tal tarefa? Salas superlotadas? Bibliotecas sem livros? Ter de trabalhar em mais de uma escola para poder completar 20, quiçá 40 horas semanais?

O que são as possibilidades de um trabalhador da educação comparados à estrutura privada (muitas vezes montada com dinheiro público) das empresas de comunicação aliada ao sucateamento da educação pública? Se nossa análise for científica, racional e contextualizada sabemos que a resposta é que não há possibilidade do indivíduo sozinho, nas condições objetivas que possui um trabalhador da educação, chegar próximo das condições que a burguesia possui e que utiliza para, diariamente, garantir seus privilégios e disputar a direção, do ponto de vista ideológico, da consciência da maioria.

Da mesma forma, na maioria dos casos, o grito contra a corrupção de alguns – ou das possíveis corrupções – também mascara e escondem os privilégios das grandes empresas privadas, como a isenção de impostos, o financiamento público através de empréstimos que jamais serão pagos ou mesmos negociatas de débitos que deveriam financiar políticas públicas e acabam virando mais um privilégio de classe.

A importância de Lenin nas leituras sobre disputas políticas na atualidade

Existe um abismo entre a natureza dos enfrentamentos feitos entre classe dominante e proletariado. No caso da classe dominante a natureza e objetivo do enfrentamento são para a manutenção de privilégios, controle do poder e aumento da riqueza, já no caso dos trabalhadores a necessidade objetiva é de sobrevivência imediata e garantia das condições mínimas para uma vida digna. Mas com o passar dos anos as determinações da realidade se alteram e se torna necessário compreender os novos desafios sociais brasileiros.

O aumento populacional e o crescimento desordenado das capitais, por vezes chamados de arranjos populacionais e concentrações urbanas no Brasil⁵, criam um cenário de novos desafios para a classe trabalhadora, seja pelo aumento dos lucros concentrados nas mãos de uma dúzia de famílias bilionárias e donas dos meios de produção, ou mesmo pela desastrosa decisão de fragmentação sindical iniciada com a quebra do conceito de unicidade que pulverizou a organização dos trabalhadores em dezenas de instituições que, na sua grande maioria, limitam-se a ações meramente de garantia de direitos da categoria esquecendo a perspectiva macro de defesa dos trabalhadores. A não organização dos trabalhadores pode criar um ambiente de falta de identidade com sua própria classe.

O antagonismo de classe na sociedade capitalista fica mais evidente nos estudos sobre concentração de renda. Em 2017 a renda do 1% mais rico foi 36 vezes a média da metade mais pobre da população⁶ segundo matéria publicada com dados do IBGE, outra matéria afirma que 10% da população concentrava 43,3% da renda do país em 2017⁷. Segundo Medeiros e Castro

5 Para mais informações consulte IBGE. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv99700.pdf>>. Acesso em: 03 de jun. 2019.

6 Fonte Site Valor Econômico. Disponível em: <<https://www.valor.com.br/brasil/5444749/ibge-renda-do-1-mais-rico-e-36-vezes-media-da-metade-mais-pobre>>. Acesso em: 03 de jun. 2019.

7 Fonte UOL. Disponível em: <<https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2018/04/11/concentracao-renda-ibge.htm>>. Acesso em: 03 de jun. 2019.

A importância de Lenin nas leituras sobre disputas políticas na atualidade

(2018 p. 591), em estudo feito sobre a renda da população brasileira entre 2006 e 2012, “[...] em média, cerca de três quartos dos lucros, dividendos e rendas de empresas são apropriados pelo 1% mais rico da população”.

Outra questão importante, no nosso entendimento, é a falsa noção de modernidade instalada nas narrativas e análises da realidade. Não se trata do conceito em si, mas da comparação entre o tempo passado e o tempo presente onde se impõe uma narrativa que desvirtua a realidade aparentando existir uma superação de problemas da realidade pela ausência de debates centrais. A imposição de uma série de debates secundários para a organização da sociedade ou mesmo para a vida da classe trabalhadora cria uma série de obstáculos para que a realidade seja apreendida e criticada em um primeiro momento, e em um segundo momento, superada.

Em síntese, podemos verificar que existe uma clara contradição social entre uma maioria populacional (trabalhadores) que produz e é pilar do desenvolvimento e uma minoria (burguesia) possuidora ou controladora dos meios de produção que também manipula a maioria das ações do Estado.

Mas existem ainda correntes de pensamento que acreditam que o centro dos debates dos trabalhadores é a reforma do Estado. Aqui não há nenhuma defesa de abandono das disputas ideológicas e da defesa dos direitos imediatos dos trabalhadores. Entendemos que é necessário sempre estabelecer uma contradição com o atual sistema, desvelando sua essência e criando condições para sua superação; o problema é a perspectiva da luta e o próprio entendimento da organização dos trabalhadores. Para se libertar da opressão da burguesia é necessário que a classe trabalhadora apresente sua visão de mundo e proposta de sociedade no plano teórico e prático, construindo agora o caminho para a superação do capitalismo.

A importância de Lenin nas leituras sobre disputas políticas na atualidade

Existe uma contradição entre aqueles que defendem a libertação dos trabalhadores com reforma do Estado, uma miopia ideológica travestida de romantismo que afirma ser possível acreditar que a burguesia irá abrir mão dos seus privilégios por acúmulo de consciência, como se não houvesse uma estrutura que sustenta ideologicamente também a classe burguesa.

Para Lenin (s/d/e):

Que o Estado seja o organismo de dominação de uma classe determinada, que *não pode* conciliar-se com sua antípoda (com a classe oposta a ela), é o que a democracia pequeno-burguesa jamais pode compreender. A atitude que nossos socialistas-revolucionários e nossos mencheviques têm para com o Estado é uma das provas mais evidentes de que eles não são de modo algum socialistas (o que nós bolcheviques, sempre demonstramos), mas democratas pequeno-burgueses com fraseologia pseudo-socialista (p. 26, grifo do autor).

Mesmo que alguns tentem justificar a reforma do Estado pelo pragmatismo das disputas políticas (ou eleitorais) no campo burguês é necessário admitir que essa opção descarta a possibilidade de ruptura com o sistema, ou seja, a verdadeira libertação dos trabalhadores, e só pode se sustentar na conciliação com a burguesia e abafamento das contradições sociais.

Uma segunda questão versa sobre a necessidade de organização dos trabalhadores. Não há possibilidade de unidade dos trabalhadores enquanto parcela da direção da classe trabalhadora (em parte falsa direção) continuar vomitando discursos de liberdade de organização e expressão que só fazem eco à ideologia burguesa. A classe trabalhadora terá identidade com aqueles que representam uma direção para além das suas necessidades imediatas, para as necessidades imediatas já existe a narrativa burguesa que controla os meios de produção e de comunicação no Brasil.

A importância de Lenin nas leituras sobre disputas políticas na atualidade

Ao discutir a organização dos operários e dos revolucionários, Lenin define:

Pois bem, eu afirmo que: 1) é impossível um movimento revolucionário sólido sem uma organização de dirigentes estável, capaz de garantir sua continuidade; 2) quanto mais numerosa a massa espontaneamente integrada à luta, massa que constitui a base participante do movimento, mais premente será a necessidade dessa organização e mais sólida terá de ser (do contrário, será mais fácil para os demagogos de todo o tipo arrastar os setores atrasados da massa); 3) essa organização deve ser formada principalmente por homens dedicados profissionalmente às atividades revolucionárias; 4) na pátria da autocracia, quanto mais *restrito* for o contingente dessa organização, a ponto de incluir apenas os filiados dedicados profissionalmente às atividades revolucionárias e adestrados na arte de enfrentar a polícia política, mais difícil será de “caçar” essa organização; e 5) *maior* será o número de pessoas, tanto a classe operária como as demais classes sociais, que poderão participar do movimento e colaborar para ela de forma ativa (2006, p. 245, grifo do autor).

A preocupação do revolucionário russo trabalha do problema central da realidade (a organização da classe trabalhadora) até o detalhe pontual da realidade (o enfrentamento da polícia política) sem abrir mão da qualidade do debate geral. Ainda temos muito a aprender com a experiência russa, em especial a centralidade da organização dos trabalhadores, a necessidade de reconhecer a potência dessa organização nos enfrentamentos de classe e perceber que existem contradições dentro do próprio movimento operário e a necessidade de enfrentá-los também.

Tendo exposto estas questões, é necessário retomar ao quarto problema sobre a “disputa” (ou não) do Estado. Vamos adotar centralmente como premissa a necessidade de organização dos trabalhadores em todo mundo, tentando conectar esses argumentos à conjuntura brasileira e suas contradições.

A importância de Lenin nas leituras sobre disputas políticas na atualidade

Definido que a organização da classe trabalhadora é central para a superação do capitalismo, podemos convencionar que é necessário que esta organização se fundamente em uma proposta que liberte os trabalhadores da opressão da burguesia. Em um primeiro momento pensamos em terminar a frase anterior da seguinte forma “que liberte os trabalhadores da opressão da burguesia através da tomada dos meios de produção” que poderia nos garantir, no máximo, coerência nas leituras dos autores apresentados, mas não ajuda a compreender a primeira etapa da luta política presente em Marx e Lenin.

Se compreendemos que são classes antagônicas (burguesia e proletariado) e devemos organizar o proletariado, algumas questões poderão surgir, como: será que os trabalhadores do Brasil se consideram uma classe antagônica à burguesia? Em qual medida? Defendo que a maioria dos trabalhadores brasileiros não se identifica como classe e por esse motivo também não se organiza como tal. Sistemáticamente, como já afirmamos, são usurpadas as condições para que esses indivíduos possam “ler” a realidade. Estas condições poderiam garantir ao conjunto dos trabalhadores uma leitura da realidade onde sua identidade de classe estaria mais próxima.

É necessário neste momento levar em consideração que o conjunto da classe trabalhadora hoje no Brasil organiza sua vida material através das relações com a burguesia e por muitas conquistas que são fruto de lutas históricas que podemos entender como acúmulos históricos que não chegam a representar uma ruptura com o sistema, mas, na maioria das vezes, um avanço da interferência do campo popular nas políticas, em outras, uma possível conciliação da burguesia para arrefecer a mobilização popular.

O problema teórico e prático agora é responder à questão “como criar as condições objetivas para a supressão do Estado no Brasil visando à libertação dos trabalhadores da opressão burguesa”? Como já pontuamos, é necessário entender que o Estado é uma criação humana que representa

A importância de Lenin nas leituras sobre disputas políticas na atualidade

a subordinação de uma classe em relação à outra. Outro ponto importante é a compreensão de que um Estado burguês como o brasileiro, depois de quase dois séculos de controle⁸ da classe dominante, já possui hegemonia ideológica que se consolidou por várias gerações na maioria das instituições. Alguns acreditam romanticamente que estas instituições existem “para garantir direitos constitucionais”, quando estas diariamente atuam para manter o *status quo* vigente e qualquer alteração na realidade pouco afeta a concentração de renda das poucas famílias abastadas.

Mesmo que a organização dos trabalhadores tenha essa compreensão revolucionária é preciso levar em consideração que todo trabalhador possui uma leitura da sua realidade familiar, de grupo e muitas vezes até de classe. Não temos hoje como dimensionar isso no Brasil, mas as experiências sindicais e de mobilização popular nos mostram que existem pautas que possuem efeito agregador nas massas e que por vezes superam o imediatismo das pautas de categorias profissionais ou mesmo salariais, como a defesa da universidade pública, por exemplo. Em outras palavras, existem pautas que unificam uma parte expressiva da população, não da forma idealizada ou romantizada que alguns querem, mas sim da forma como se expressa na realidade. Contudo, ainda temos pautas pontuais que não representam a maioria absoluta, mas dialogam com uma parcela dos trabalhadores.

Entendemos que todas essas pautas e lutas são necessárias para o aumento da organização dos trabalhadores, para denunciar as mazelas do capitalismo visando a sua superação, porém devem ser consideradas as contradições necessárias para se criar o novo, que deverá ser produto da organização dos trabalhadores, voltado aos interesses dos trabalhadores, ou seja, a maioria organizada promovendo a mudança da organização social do individualismo capitalista para uma nova sociedade.

⁸ Elegendo como ponto de análise a independência do Brasil do Reino de Portugal.

A importância de Lenin nas leituras sobre disputas políticas na atualidade

Essas afirmativas nos levam a alguns encaminhamentos necessários. O primeiro deles é que todo trabalhador deve dedicar seu trabalho social e militante à organização de todos os trabalhadores, entendendo com profundidade suas condições de vida, dialogando e denunciando as mazelas do capitalismo e qual a função do Estado dentro desse sistema econômico.

O segundo encaminhamento é o de produzir dentro do seio do próprio sistema as contradições necessárias para superá-lo, através da organização dos trabalhadores e da educação destes para “ler” as contradições da realidade e atuar nelas como classe.

A defesa aqui não é de uma autorização irrestrita de disputas no âmbito Estado ou mesmo de negação do mesmo. Organizar os trabalhadores significa estar em pleno processo de formação política denunciando o sistema como um todo, mas criando espaços para avanços, mesmos que pontuais, que possam resistir à investida dos capitalistas contra os trabalhadores. Quando trato de investida falamos sobre fome, miséria, alienação, desumanização, violência e principalmente sobre a exploração de um ser humano por outro ser humano que é o princípio estruturante do capitalismo.

Considerações finais

A falsa dualidade de concepções que dividem a organização dos trabalhadores entre aqueles que acreditam que o Estado deve ser reformado, para melhorar as condições de vida da classe trabalhadora, e aqueles que se ausentam das mobilizações populares, por acreditarem que a direção dos movimentos é atrasada ou mesmo conciliatória com os interesses da burguesia, são faces da mesma moeda, pois não representam um enfrentamento direto das contradições do capitalismo nem auxiliam na organização e educação política dos trabalhadores.

É necessário retomar os teóricos clássicos das lutas dos trabalhadores de todo o mundo para a leitura da realidade brasileira e enfrentamento da burguesia, pois somente compreendendo

A importância de Lenin nas leituras sobre disputas políticas na atualidade

com profundidade a vida dos membros da classe operária será possível organizá-los e educá-los politicamente para que, através das suas próprias leituras da realidade, possam entender os antagonismos de classe presentes em nossa sociedade, identificando-se e agindo coletivamente como classe.

Referências

LENIN, Vladimir Ílitch Ulianov. **O Estado e a Revolução**: o conceito marxista do poder. Niterói, RJ, Editora e livraria Diálogo, s/d/e.

LENIN, Vladimir Ílitch Ulianov. **Que fazer?** A organização como sujeito político. São Paulo: Martins, 2006.

MEDEIROS, Marcelo; CASTRO, Fábio Ávila de. A composição da renda no topo da distribuição: evolução no Brasil entre 2006 e 2012, a partir de informações do Imposto de Renda. **Economia e Sociedade**, Campinas, v. 27, n. 2 (63), p. 577-605, ago. 2018.